

Antropologia, Educação Física e Saúde Coletiva: aproximações interdisciplinares

RESUMO

O presente trabalho visa abordar as aproximações entre Antropologia e Educação Física que se encontram na formação em Saúde coletiva. Nesse aspecto a interdisciplinaridade é essencial para a renovação de temáticas e incorporação de novos conceitos. O ponto de confluência dessas áreas é o estudo do corpo e da saúde. O corpo interessa a essas áreas não somente por seus aspectos biológicos e intervenções biomédicas, mas por ser uma expressão de sentimentos, discursos e práticas emblemáticas de processos sociais. Essa discussão intenta contribuir para a formação acadêmica e práxis da Saúde Coletiva sobre os cuidados relativos à saúde corporal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física;
Antropologia; Saúde coletiva; Corpo; Saúde

Jaqueline Ferreira

Pós-doutorado em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Rio
de Janeiro, Brasil
jaquetf@gmail.com.br
<http://orcid.org/0000-0002-7662-1773>

Alan Camargo Silva

Doutorado em Saúde Coletiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Educação Física
alancamargo10@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0003-1729-5151>

Mayara Cassimira de Souza

Doutorado em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Medicina Social, Porto Alegre, Brasil
mayaracassimira.sc@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4372-3503>

Anthropology, Physical Education and Collective Health: interdisciplinary approaches

ABSTRACT

The present work aims to address the approximations between Anthropology and Physical Education that are found in training in Collective Health. In this respect, interdisciplinarity is essential for renewing themes and incorporating new concepts. The point of convergence of these areas is the study of the body and health. The body is of interest to these areas not only because of its biological aspects and biomedical interventions, but because it is an expression of feelings, discourses and emblematic practices of social processes. This discussion intends to contribute to the academic formation and praxis of Collective Health on care related to bodily health.

KEYWORDS: Physical education; Anthropology; Public health; Body: Health

Antropología, Educación Física y Salud Colectiva: enfoques interdisciplinarios

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo abordar las aproximaciones entre la Antropología y la Educación Física que se encuentran en la formación en Salud Colectiva. En este sentido, la interdisciplinaria es fundamental para renovar temas e incorporar nuevos conceptos. El punto de convergencia de estas áreas es el estudio del cuerpo y la salud. El cuerpo interesa a estas áreas no sólo por sus aspectos biológicos e intervenciones biomédicas, sino porque es expresión de sentimientos, discursos y prácticas emblemáticas de los procesos sociales. Esta discusión pretende contribuir a la formación académica ya la praxis de la Salud Colectiva sobre los cuidados relacionados con la salud del cuerpo.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Antropología; Salud pública; Cuerpo: Salud

INTRODUÇÃO

A Saúde Coletiva é considerada um campo de saberes voltado para o conhecimento do que é saúde e quais os seus determinantes bem como de práticas voltadas para a sua prevenção, promoção e cuidados (SILVA; PAIM; SCHRAIBER, 2014). Nesse aspecto a interdisciplinaridade é essencial para a renovação de temáticas e incorporação de novos conceitos. Esse artigo reflete sobre a forma como as disciplinas de Antropologia e Educação Física se articulam com a Saúde Coletiva. Assim, nosso ponto de confluência são as questões relativas à aos cuidados do corporais. O corpo interessa a essas áreas não somente por seus aspectos biológicos e intervenções biomédicas, mas por ser uma expressão de sentimentos, discursos e práticas emblemáticos de processos sociais.

Os debates em torno do corpo, saúde e doença se adensam e complexificam cada vez mais. Nessas discussões apresentam-se várias possibilidades teóricas e conceituais. Do ponto de vista biomédico o corpo, por exemplo, é central pois é ele o portador de sinais e sintomas que identificarão a doença ou sua ausência (FERREIRA, 2022). Ademais, ele é também instrumento, seja de interações sociais, de trabalho ou de esportes. Nesse sentido ele carrega construções sociais e culturais que o implica como objeto produtor e produto da socialização. Dentro da miríade de possibilidades de abordagem, nosso foco será relacionado aos usos do corpo: os seus menores movimentos, as maneiras de estar no mundo o situa como instrumento modificador e ao mesmo tempo passível de modificação pelo seu contexto social. Iniciaremos com uma breve explanação trazendo a abordagem antropológica e após referenciais da Educação Física sobre o mesmo para finalmente pensar como eles podem convergir na perspectiva da Saúde Coletiva. O intento aqui é a contribuir na reflexão da abordagem interdisciplinar dessas áreas sobre as temáticas do corpo, saúde e doença.

Antropologia e a relatividade dos usos do corpo

No que se refere aos estudos do corpo, a Antropologia o reconhece como um reflexo da sociedade que articula significados sociais e não um receptáculo de processos exclusivamente biológicos. Os próprios processos biológicos expressam componentes fundamentais reconhecidos pelo grupo social em que o indivíduo está inserido (FERREIRA, 2022). Essa reflexão foi inaugurada por Marcel Mauss. Para este autor, o corpo é o primeiro e o mais natural objeto técnico do homem. É a maneira pela qual os humanos sabem servir-se de seus corpos. Técnica, aqui, é entendida como um ato tradicional e eficaz que distingue o homem dos animais, uma vez que pode ser transmitidas a outros membros do grupo, pela educação desde a pequena infância ou pela imitação (MAUSS, 2003).

Assim, o uso do corpo não é decorrente de uma propriedade fisiológica, mas é um uso social, na medida em que as sociedades estabelecem diferentes formas para se relacionar com ele. Através de anedotas tiradas de leituras ou de suas lembranças pessoais, ele expõe a relatividade de gestos ou posturas que parecem naturais tais como o nado ou o mergulho, diferentemente praticando pelos ocidentais e pelos polinésios, mas também pelos ocidentais de gerações diferentes. Da mesma forma, a marcha é diferente entre soldados franceses e o caminhar é diferente entre mulheres ocidentais e orientais. Segundo Mauss, a alimentação, o sono, correr, nadar, por exemplo, são técnicas aprendidas socialmente, que variam conforme o grupo, o sexo e a idade. Nessa direção,

a cultura é encarnada nas atividades mais corriqueiras. Isso pode ser visto nas aprendizagens kinésicas balinesas como também na dança por exemplo. A cultura é resultado de aprendizagem é certo, mas também é moldada segundo uma concepção de corpo dessa sociedade. O mesmo pode ser dito nas atividades e gestos mais naturalizados como o repouso e relaxamento, conforme descreveu Roger Bastide em seu estudo sobre esse tema (BASTIDE, 1983). Outra autora clássica seguidora dessa noção maussiana é Françoise Loux que em 1979 apontou como as técnicas corporais expressas nos camponeses das sociedades rurais francesas é adquirida por uma educação formal, intencionalmente implementadas no processo de socialização. Desde então, a noção de técnicas corporais tem influenciado os estudos antropológicos sobre o corpo.

Pierre Bourdieu (1997), por sua vez, apropria-se do conceito de *habitus* de Mauss, para defini-lo como a repetição de práticas corporais inconscientes de natureza social e coletiva, advindas tanto de um aprendizado passado, como de um sistema de estruturas que sustentam as práticas e as representações. Nesse sentido, ele apresenta a *hexis* corporal, ou seja, os movimentos corpóreos ordenados e orquestrados que definem como cada ator produz e reproduz sua identidade e um *modus operandi* de ser e estar no mundo.

Mary Douglas em seu livro “Pureza e Perigo” (1970) traz uma importante contribuição para pensar os usos e instrumentações do corpo no nível simbólico e como metáfora da sociedade. Para a autora, o corpo social limita a expressão do meio físico e a experiência física do corpo é sempre modificada pelas categorias sociais. Dessa forma, os cuidados do corpo na limpeza, na alimentação, repouso e terapia são categorias culturais que expressam a forma na qual a sociedade é vista (incluindo aí, as imagens corporais de aberturas, saídas, limites e percursos como transposições de imagens da sociedade). Desse modo, a autora busca identificar uma tendência inconsciente e universal do corpo ao expressar-se com um comportamento adequado em dadas situações em que as suas interdições ou promoções são culturalmente determinadas pelas pressões sociais revelando aspectos macrossociais como poder, pureza e perigo.

Luc Boltanski (1984) introduz a noção de classe social para pensar os “usos sociais do corpo”. De acordo com o autor, quanto maior a classe social mais atenção dada ao corpo e que se reflete, por exemplo, na valorização da aparência física, escolha de esportes mais individuais em detrimento aos coletivos e maior consumo médico. Trabalhos recentes como o de um dos autores desse trabalho segue a mesma perspectiva em seu estudo em academias de ginástica em que ele alia sua formação em Educação Física com a perspectiva antropológica. Ele observou como os significados corporais no que se referem à sensação de dor e as representações de suor, assim como as interações sociais entre os usuários são atribuídos de forma diferenciada de acordo com a classe social dos mesmos (SILVA, 2022a, 2022b).

Outra perspectiva sobre os usos do corpo e sua relação com o político é a de Michel Foucault. De acordo com o mesmo, funcionamos como sociedades disciplinares através do corpo. Nesse sentido, o corpo assume uma proporção biopolítica, ou seja, ele é a expressão e suporte das relações de poder e saber que atravessam as instituições, fazendo-as convergir para um sistema de obediência e eficácia. O corpo torna-se assim alvo do biopoder e lócus de resistência (FOUCAULT, 1979).

Thomas Csordas (1990) nos apresenta uma proposta de um novo paradigma da cultura na qual o corpo é pensando como “sujeito” e “base existencial” da mesma. A preocupação do autor não se reduz a discutir novas formas de abordar o corpo como objeto da Antropologia, mas sim no sentido de um novo paradigma no estudo da cultura focado na ideia da experiência cultural como

corporificada. Para isso, ele serve-se da noção de *habitus* de Bourdieu e da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty para propor o conceito de *embodiment* como um campo metodológico indeterminado, definido pela experiência perceptiva e pelo modo de presença e engajamento no mundo. Nessa linha de pensamento Leo Hopkinson (2015) explora o corpo e o Eu engendrados por meio do treinamento de um boxeador, a partir do trabalho de campo realizado em academias de boxe em Montreal e Edimburgo. Ao contrário dos relatos antropológicos contemporâneos do esporte relativos a um dualismo cartesiano, o autor mostra um senso de conhecimento incorporado em boxeadores traçado ao longo dos regimes de treinamento e na evolução de um boxeador de iniciante a pugilista experiente, considerando as diferentes práticas desenvolvidas e encontradas durante esse progresso.

O corpo, assim, encontra seu lugar na cultura e na articulação do indivíduo com o seu grupo. Isso se manifesta nos seus usos seja nas atividades mais banais ou lúdicas. Buscaremos mostrar, também de maneira breve, como isso se apresenta nos estudos da Educação Física,

As “práticas corporais” na Educação Física e suas aproximações com a cultura

O corpo é o objeto de pensamentos e práticas da Educação Física, pois além de estar vinculado ao movimento, se apresenta como objeto de estudo em vários âmbitos acadêmico-científicos. Tal área de saber se constitui com diversas problemáticas a partir da interdisciplinaridade entre distintas ciências. Por essa razão, emergem várias tensões epistemológicas na relação com o corpo, tais como: os debates em torno da dicotomia corpo/mente, biológico/cultural, físico/moral e saudável/patológico.

O conhecimento médico-biológico influenciou fortemente o campo da disciplina, desde o movimento ginástico a condutas higienistas advindas da Europa na década de 1920, orientadas ao desenvolvimento da aptidão física e, por conseguinte, à promoção da saúde. A lógica ligada ao rendimento físico institucionalizou o esporte na educação “a tal ponto de, no senso comum, ser plenamente possível confundir educação física escolar com prática esportiva” (GONZÁLES; FENSTERSEIFER, 2009, p.10).

A crítica a esse período não contradiz as questões biológicas que contribuem para crescimento e condicionamento do indivíduo, mas fomentam discussões para além de um corpo orgânico, abrindo horizontes para perceber a herança histórica e cultural que permeia o universo corporal. Por isso, nas últimas décadas a Educação Física buscou ser mais do que uma atividade complementar - fosse no meio escolar, militar ou desportivo - ela procurou se estruturar enquanto conteúdo, como uma disciplina e passa a compreender o corpo à luz das Ciências Humanas e Sociais superando o âmbito biológico e à análise mecânica do movimento (BRACHT, 1999).

Posteriormente, em 1992, o Coletivo de Autores do livro Metodologia do Ensino de Educação Física marcou uma transição de olhar definindo a expressão corporal como linguagem ao empregar o conceito de cultura corporal (CASTELLANI FILHO, 1992). Esse saber fundamentou-se nos estudos de Vigotsky, Luria e Leont (1988) que refletem o corpo enquanto uma realidade simbólica conformada pela linguagem. Essa nova perspectiva fortaleceu os debates em torno de um corpo compreendido como uma realidade simbólica distanciada da biológica (DAOLIO, 2020).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem se dedicado a sensibilizar os formuladores de políticas de saúde quanto ao caráter emergencial da transformação de um estilo de vida

sedentário para a prática de atividade física regular como promotora de uma maior qualidade de vida. Além do mais, ela deixa claro, que essa é uma das formas de retardar o desenvolvimento das doenças crônicas não transmissíveis. Algumas bases dessa reflexão estão na importância epidemiológica da atividade física para a saúde (HILL; WYATT, 2005; HASKELL *et al.*, 2007; NORUM, 2005). Nesse sentido, uma nova nomenclatura foi assumida pelo Ministério da Saúde brasileiro e tem tomado forma na Educação Física: a noção de “práticas corporais” que é apresentada como:

Expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindo do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático (na escola) ou não sistemático (tempo livre/lazer). Notas: i) Manifestações da cultura corporal de determinado grupo que carregam significados que as pessoas lhe atribuem, e devem contemplar as vivências lúdicas e de organização cultural. ii) Existem várias formas de práticas corporais: recreativas, esportivas, culturais e cotidianas. (BRASIL, 2012, p. 28).

Dessa maneira, é importante distinguir a atividade física vinculada à física newtoniana e associada ao gasto energético das práticas corporais que privilegiam o modo de viver das pessoas e levam em consideração o ser humano em movimento e sua gestualidade. Tais atividades promovem o despertar da consciência e do cuidado de si e com o outro, levando as pessoas praticantes a uma maior sociabilização (CARVALHO; NOGUEIRA, 2016).

Nessa perspectiva, renunciando a visão reducionista do corpo e de suas possibilidades de movimento o uso da expressão “práticas corporais” inclui aspectos subjetivos, como os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos e pela cultura ao movimento corporal humano (LAZZAROTTI FILHO, 2010, p. 22). Assim, o “exercício físico”, “atividade física” relacionam-se a aspectos biológicos e estão mais vinculados à área biomédica, enquanto as “práticas corporais” vinculam-se mais às Ciências Humanas e Sociais estabelecendo assim um diálogo com a Saúde Coletiva.

Nessa linha de raciocínio, podemos estabelecer uma aproximação do termo “práticas corporais” com “técnicas corporais” de Marcel Mauss buscando compreender as mais diversas possibilidades de expressões corporais, sejam elas rotineiras ou complexas (*body art* e o esporte) e com os mais variados grupos sociais (índigenas, crianças em situação de rua, trabalhadores rurais). Uma das autoras desse ensaio serviu-se dessa aproximação em sua etnografia realizada com cardiopatas internados em um hospital público. A autora observou as contradições entre os profissionais de saúde e os pacientes quanto à prescrição da “caminhada” como exercício físico recomendado. Tal atividade física era recomendada aos cardiopatas sem nenhuma orientação quanto ao seu tempo e intensidade e sem consideração aos contextos sociais, as singularidades e significados atribuídos pelos pacientes às atividades físicas. Em outras palavras, os fatores como idade, gênero, moradia, nível escolar e renda familiar e relações familiares que influenciavam diretamente na adesão à prática de atividade física não eram considerados. Os cardiopatas não aderiam à caminhada, pois essa dependia de condições espaciais e do apoio de familiares, o que nem sempre era possível. Assim, a prescrição dos profissionais de saúde: “tem que caminhar por que faz bem”, tinha dificuldades de ser incorporadas na rotina dos pacientes. Para esses, era mais importante manter suas atividades rotineiras, estar próximo de quem ama, manter sua rede de

sociabilidade, mas sem dependência de terceiros para os seus cuidados suplantava a lógica biomédica (XXX, 2019).

Corpo interdisciplinar e Saúde Coletiva

Esse trabalho almejou uma perspectiva interdisciplinar tendo como referência a Antropologia e a Educação Física como referenciais para o campo da Saúde Coletiva trazendo, como foco, abordagens dessas disciplinas sobre o corpo.

A Educação Física e Antropologia tem o seu lugar consolidado no campo da Saúde Coletiva (RUSSO; CARRARA, 2015; NOGUEIRA; BOSI, 2017). Os conceitos relativizadores sobre o corpo desconstruindo a visão biomédica proporcionam novos horizontes tanto para a pesquisa, como para os ambientes profissionais da Saúde Coletiva. Foi com esse intuito que buscamos apresentar algumas referências sobre os usos do corpo distanciadas dos preceitos normativos da biomedicina. Assim, exploramos, mesmo que brevemente, noções mais abrangentes e alinhadas às perspectivas socioculturais tanto na Antropologia, como na Educação Física. Dessa forma, acreditamos na transformação do olhar biomédico hegemônico para uma prática mais relativizadora para os cuidados corporais no campo da Saúde Coletiva. Os estudos apresentados confirmam que os indivíduos devem ser considerados dentro de seus contextos socioculturais para dar significado aos seus cuidados com o corpo, saúde e doença. Para Francine Saillant (2021), o cuidado em saúde está relacionado às práticas concretas, técnicas e simbólicas enraizadas na memória e o mundo social. No contexto do corpo, ele merece uma profunda e continuada reflexão sobre seus significados e “ressignificações”, o que certamente terminará por influenciar nos cuidados corporais, seja no cumprimento das prescrições ou prevenção. Desse modo, o corpo e seus usos seja como instrumento de trabalho, lazer ou sujeito de sociabilidades torna-se alvo primordial para o cuidado na saúde, conforme já apontado por José Ricardo Ayres:

Nesse sentido, julga-se de fundamental relevância, na produção sobre o Cuidado, a articulação de iniciativas teóricas e práticas que vinculem os cuidados individuais a aproximações de corte socio-sanitário....De um lado, as transformações orientadas pela idéia de Cuidado não poderão se concretizar como tecnologias ampliadas se mudanças estruturais não garantirem as reclamadas condições de intersetorialidade e interdisciplinaridade. (AYRES, 2004, p. 27)

Diante desse contexto, a Saúde Coletiva deve respaldar-se em referenciais que busquem atender as reais demandas dos grupos sociais valorizando a sua experiência e o seu contexto sociocultural de forma a possibilitar práticas em saúde com mais significados éticos, morais e políticos. Para isso, a interdisciplinaridade é indispensável tanto para o saber como para a prática da Saúde Coletiva.

Considerações finais

A abordagem interdisciplinar objetiva a integração dos conteúdos de diferentes disciplinas de forma a romper com padrões tradicionais de uma especialização do conhecimento para integrá-los sobre um mesmo tema, evitando análises fragmentadas.

As Ciências Humanas e Sociais têm sido fundamentais nesse debate tanto do ponto de vista epistemológico, como da Educação. De acordo com Juarez da Silva Thiesen:

A interdisciplinaridade, como fenômeno gnosiológico e metodológico, está impulsionando transformações no pensar e no agir humanos em diferentes sentidos. Retoma, aos poucos, o caráter de interdependência e interatividade existente entre as coisas e as idéias, resgata a visão de contexto da realidade, demonstra que vivemos numa grande rede ou teia de interações complexas e recupera a tese de que todos os conceitos e teorias estão conectados entre si (THIESEN, 2008, p. 552)

Portanto, o presente trabalho espera contribuir para os debates em torno do corpo, saúde e doença na confluência dos saberes da Antropologia, Educação Física e Saúde Coletiva. Ao apostar nessa intersecção de conhecimentos ou na articulação de distintas fronteiras epistemológicas, entende-se que tais reflexões permitem o conhecimento sobre a relatividade e os consensos de conceitos na área da saúde dentro de uma perspectiva mais abrangente do saber.

REFERÊNCIAS

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 16-29, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000300003>. Acesso em 04/10/2022

BASTIDE, Roger. Técnicas de repouso e de relaxamento. In: QUEIROZ, Maria Isaura, (org). **Roger Bastide. sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus; 1997.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 48, n. 19, p. 69-88, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000100005>. Acesso em 04/10/2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário temático: promoção da saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: https://bvsm.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_tematico_promocao_saude.pdf Acesso em 15/02/2023.

CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé. Práticas corporais e atividades físicas na perspectiva da promoção da saúde na Atenção Básica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1829-1838, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.07482016> Acesso em 07/12/2022.

CASTELLANI FILHO, Lino *et al.* **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CSORDAS, Thomas J. Embodiment as a paradigm for anthropology. **Ethos**, v.18, n.1, p.5-47, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/640395> Acesso em 20/03/2023.

DAOLIO, Jocimar. Corpos e culturas: a atualidade do pensamento de Marcel Mauss. *In: SILVA, Maria Cecília de Paula; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa. (Orgs.). Corpo e cultura*. Natal: EDUFRN, p. 117-127, 2020.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Ed. 70, 1966.

FERREIRA, Jaqueline. **O Corpo Sígico**. Curitiba, ed. CRV, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal; 1979.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 10-27, 2010. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/978/561> Acesso em 14/02/2023.

HASKELL, William *et al.* Physical Activity and Public Health: Updated Recommendation for Adults from the American College of Sport Medicine and the American Heart Association. **Medicine & Science in Sports & Exercise**, v. 3, n. 2, p. 1423- 1434, 2007. Disponível em: PMID: 17762377. Disponível em: [10.1249/mss.0b013e3180616b27](https://doi.org/10.1249/mss.0b013e3180616b27). Acesso em 14/02/2023.

HILL, James; WYATT, Holly. Role of physical activity in preventing and treating obesity. **Journal of Applied Physiology**, n. 99, v. 2, p. 765-770, 2005. Disponível em: [10.1152/jappphysiol.00137.2005](https://doi.org/10.1152/jappphysiol.00137.2005). Acesso em 14/03/2023

HOPKINSON, Leo. Descartes` Schadow Boxing and fear of mind – body dualism. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**. v.5, n.2, p. 177-199, 2015. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.14318/hau5.2.012> Acesso em 15/02/2023.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9000> Acesso em 20/02/2023.

LOUX, Françoise. **Le corps dans la société traditionnelle**. Paris: Berger-Levrault, 1979

MAUSS, Marcel. Técnicas Corporais. *In: Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Saúde Coletiva e Educação Física: distanciamentos e interfaces. **Ciência & Saúde Coletiva** v. 22, n. 6,p. 1913-1922, 2017.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017226.23882015> Acesso em 14/03/2023.

NORUM, Kaare. World Health Organization's Global Strategy on diet, physical activity and health: the process behind the scenes. **Scandinavian Journal of Nutrition**, v. 49, n. 2, p. 83-88, 2005. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9241592222> Acesso em 19/03/2023.

RUSSO, Jane Araújo; CARRARA, Sergio Luis. Sobre as ciências sociais na Saúde Coletiva - com especial referência à Antropologia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 25, n. 2, p. 467-484, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312015000200008> Acesso em 19/03/2023.

SAILLANT, Francine. Por uma antropologia do cuidado. Reflexões em torno de um percurso de pesquisa. In: FERREIRA, Jaqueline; BRANDÃO, Elaine (Orgs.). **Reflexividade na pesquisa antropológica em saúde: desafios e contribuições para a formação de novos pesquisadores**. Brasília: UNB, p. 73-95, 2021.

SILVA, Alan Camargo. Significados do suor em uma academia de ginástica carioca. In: FERREIRA, Jaqueline. (Org.). **O corpo sócnico: abordagens antropológicas dos sintomas, sinais e símbolos corporais**. Curitiba: CRV, p. 181-192, 2022a.

SILVA, Alan Camargo. Significados da dor em academias de ginástica: uma etnografia reflexiva. In: FERREIRA, Jaqueline. (Org.). **O corpo sócnico: abordagens antropológicas dos sintomas, sinais e símbolos corporais**. Curitiba: CRV, v. 1, p. 135-159, 2022b.

SILVA, Lígia Maria V. da; PAIM, Jairnilson; SCHRAIBER, Lilia Blima. O que é saúde coletiva? In: PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA FILHO, Naomar (Orgs.). **Saúde coletiva: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Medbook, p. 3-12, 2014.

SOUZA, Mayara Cassimira de; GUEIROS, Marina Fagundes; FERREIRA, Jaqueline. Eles dizem pra fazer, mas é difícil: adesão à atividade física e qualidade de vida de coronariopatas internados. In: MISSIAS-MOREIRA, Ramon; ROMANO FRANÇA, Denise; LARANJEIRA, Carlos Antônio (Org). **Qualidade de vida e saúde em uma perspectiva interdisciplinar**. Curitiba: CRV, v. 10, p. 1-306, 2020.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira De Educação**, v.13, n.39, p. 545-554, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300010> Acesso em: 19/03/2023.

VIGOTSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONT, E. V. Aleksei Nikolaevich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone Editora, 1988.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica



FINANCIAMENTO

Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, ou possíveis vieses temáticos.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Silvan Menezes dos Santos

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 10.06.2022

Aprovado em: 01.03.2023